



ANTOLOGIA
NACIONAL



CONTOS E POEMAS

O lado bom
da vida



Vol. IV

"A felicidade é simples
— ela se esconde nos
gestos que não pedem
aplausos."

Ademir Pascale
Organizador



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-85278-2

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- A BELEZA DA INOCÊNCIA, POR ALÉCIA DE ARAÚJO SILVA, PÁG. 05
O SEGREDO DAS SEMENTES, POR AMANDA CORVELL, PÁG. 07
OLHOS DO AZUL, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 09
BISCOITO CHINÊS, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 11
O QUE FICA QUANDO NADA FICA, POR FILIPE DA SILVA, PÁG. 13
O LADO BOM DA VIDA, POR FRANCISCO RAFAEL VIEIRA MENDES, PÁG. 16
DOIS IRMÃOZINHOS, POR GEORGES JOSÉ MAIA KOTSIFAS, PÁG. 18
OLHARES, POR GEOVAN HENRIQUE CORRÊA, PÁG. 22
UMA NOVA RAZÃO DE VIVER, POR HILTON DAKY, PÁG. 24
SABER-SE, POR JOÃO GOMES ANDRÉ, PÁG. 27
UMA PEQUENA FAIXA DE TRANSIÇÃO, POR LÍLIAN, PÁG. 29
A VIDA É SIMPLES, POR MARILU F. QUEIROZ, PÁG. 32
NEM ME APERCEBI, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 34
APRECIADA LEVEZA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 36
JOÃO, O BONZÃO, POR SÍLVIO SANTANA, PÁG. 38
OLHE PARA OS LADOS, POR SOPHIA ODARA, PÁG. 42
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 45



ANTOLOGIA
NACIONAL



CONTOS E POEMAS

O lado bom
da Vida



Vol. IV

Ademir Pascale
Organizador



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A BELEZA DA INOCÊNCIA

POR ALÉCIA DE ARAÚJO SILVA

Alécia de Araujo é graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus II. Residente e natural de Alagoinhas-Ba, dedica-se à explorar o universo da poesia e das narrativas que exalam o amor em suas múltiplas formas e manifestações. Sua sensibilidade literária e olhar atento para as emoções humanas, refletem-se em sua escrita.

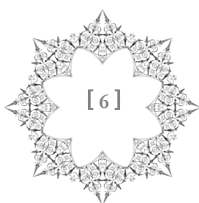
Inocência é uma criança,
Com sua pureza e simplicidade,
Que permite enxergar o bem,
Nas pequenas dádivas do dia a dia.

Uma fase que encanta e também traz descobertas,
Marcada por curiosidades, brincadeiras,
E encantamento com o mundo.
É o segredo para uma existência mais tranquila e significativa,
Que flui a partir da aceitação e do nosso amor- próprio, e reflete em todos os aspectos da vida.

A vontade de aprender é grande,
Entre contentamento e imaginação,
Ah! Como não ser feliz?
Nessa fase linda e livre da vida.
Se a vida é uma aventura e pode ser vivida com intensidade, mesmo com obstáculos.
É desfrutar de cada momento mágico.
A vida pode ser desenhada sem lápis e borracha, aproveitando cada traço.

Ser criança! Eis o lado bom da vida.
Esse tesouro puro e inesquecível.
Como não gostar de ser criança?

Uma fonte de luz.
Uma semente de inspiração.
É a alegria da infância,
Com toda sua inocência!





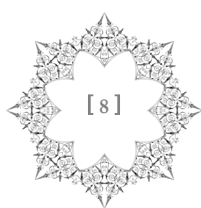
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O SEGREDO DAS SEMENTES

POR AMANDA CORVELL

Amanda Corvell é enfermeira de formação, pesquisadora independente de Direitos Humanos e escritora. Paranaense e PCD, sua escrita cutuca as fronteiras que a sociedade desenha, e as que a gente mesmo inventa. Acredita que o futuro será melhor quando pudermos trocar de lugar, de corpo e de ideia sem pedir licença. Tem textos publicados em antologias e segue fuçando nos cantos escuros que a literatura convencional evita.

A semente não pensa em galhos,
apodrece no escuro e confia.
O rio, mesmo raso, não perde
o rumo da foz que não vê.
Tudo aqui insiste em virar luz,
até o mato no muro, teimoso.
Até na rachadura do asfalto
alguma coisa amarela ousa.
Jogamos palavras sem destino
e elas voltam em forma de abraço.
Cuidamos do tempo que temos
como quem rega um vaso miúdo.
Não há um segredo, só um jeito:
a vida é feita de restos e reparos.
De mãos abertas para o imprevisto
e pés no chão de terra.
E é aí, no meio do inesperado,
que se acha o fio que não quebra,
o fio que costura o assombro
deste dia a dia, este presente
raro e comum.





O lado bom
da vida



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

OLHOS DO AZUL
POR ANTONIO CARLOS MARQUES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339), já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Olhos azuis são intervalos das tuas nuvens.

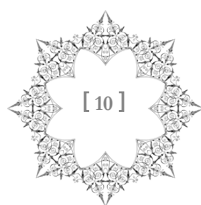
Firmamentos dos teus bons momentos: pausas de visitasões.

Horizontes das tuas limitações: aqueles olhos que te olham são a tua esteira estendida: sobe e terás boa acolhida!

As nuvens estraçalhadas (teus choros de desconsoles) são as oportunidades não cariadas.

Mergulha nesse celeste da pintura do tecelão das tristezas e agoniza tua dor em sorriso do resplendor.

Eu, a azulidade





O lado bom
da vida



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

BISCOITO CHINÊS
POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

a sorte do dia
contida
escondida
em um biscoito.

sorte ou magia
de noite ou de dia
quando fosse possível
abrir o biscoito chinês.

ou dá certo de vez
ou me preparo antes
que seja tarde para
dizer adeus.

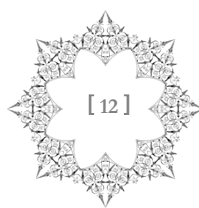
a sorte do dia
me mantinha cativa
não havia um dia
em que eu não abrisse -

o biscoito
chinês
da sorte
que vinha...

[in box]

misteriosamente
com seu nome
escrito em um papel
em letras garrafais.

Ni hao, ni hao
mil vezes uau...
a sorte do dia
era você!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O QUE FICA QUANDO NADA FICA POR FILIPE DA SILVA

Filipe da Silva é psicólogo e escritor brasileiro, nascido em Barra do Piraí (RJ). Sua escrita transita entre o existencial e o simbólico, explorando os silêncios, as contradições e os movimentos internos da experiência humana. Une à sensibilidade poética uma reflexão filosófica sobre o viver e o tempo. Participa de antologias literárias e concursos nacionais, mantendo em sua obra o compromisso com a profundidade e a autenticidade. Para ele, escrever é um modo de permanecer presente diante do que escapa.

Há dias em que eu acordo com a impressão de que a vida inteira está um pouco deslocada. Como se tudo tivesse mudado um centímetro durante a noite — o ar, o corpo, o olhar. Não é tristeza, nem cansaço. É apenas uma consciência incômoda: a de que tudo o que existe também pode deixar de existir a qualquer momento.

Costumava achar que isso era uma ideia triste. Hoje, penso que talvez seja o contrário.

Acordei cedo hoje. O café esfriou sobre a mesa, e o sol entrou pela janela de um jeito bonito, mas não espetacular — apenas real. Eu olhei para aquela luz atravessando o copo d'água e pensei que, no fundo, talvez a vida seja isso: uma sucessão de instantes quase invisíveis que só se tornam grandiosos quando estamos prestes a perdê-los.

Já vivi muita coisa tentando entender o que é o “lado bom” da vida. Achei que fosse o amor, depois o sucesso, depois a paz. Mas nada disso se sustenta o tempo todo. Há momentos em que o amor dói, o sucesso cansa, e a paz parece tédio. Então eu comecei a desconfiar que talvez o lado bom da vida não esteja em nada que dure — mas justamente no fato de que nada dura.

No hospital onde minha mãe ficou internada no último inverno, havia um homem que todos os dias caminhava pelo corredor com uma flor na mão. Ele dizia que era para a esposa, internada no quarto 208. Um dia, perguntei se ela gostava de flores. Ele respondeu:

— Ela não fala mais, mas acho que ainda sente o cheiro.

Naquele instante, percebi algo simples e devastador: o lado bom da vida é poder oferecer algo mesmo quando não há mais garantias de retorno.

Depois que minha mãe se foi, comecei a olhar diferente para as coisas. Não como quem procura sentido, mas como quem reconhece o absurdo e ainda assim decide ficar. Às vezes, lavo a louça com uma atenção que beira o sagrado. Observo a água correndo e penso em como ela nunca é a mesma, mas o gesto é sempre igual. Há uma beleza estranha nisso — a repetição que não repete, o cotidiano que insiste em continuar mesmo quando a gente acha que não pode mais.

Hoje eu sei que o lado bom da vida não é o que dá certo, nem o que se entende. É o que permanece mesmo sem promessa. O que não precisa ser eterno para ser verdadeiro.

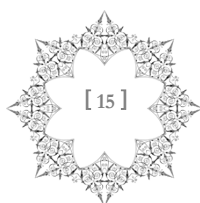
Outro dia, encontrei um caderno antigo, cheio de anotações que já não faziam sentido. No fim da última página, estava escrito: “a vida é o intervalo entre o que a gente perde e o que ainda aprende a deixar ir.”

Não lembro quando escrevi isso. Talvez num daqueles dias em que nada fazia sentido, mas ainda assim eu quis registrar algo. E foi ali que percebi: o lado bom da vida é o que sobra quando nada sobra.

Talvez seja esse o motivo de eu continuar tentando. Continuar amando, mesmo sabendo que o amor cansa. Continuar vivendo, mesmo sabendo que a vida passa. Continuar escrevendo, mesmo quando não há quem leia.

Porque no fim das contas, o lado bom da vida não é o que permanece — é o que, por um instante, faz sentido.

E isso, às vezes, é tudo o que a gente precisa.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O LADO BOM DA VIDA

POR FRANCISCO RAFAEL VIEIRA MENDES

Rafael Vieira mora na cidade de Mossoró-RN, é servidor público, casado e pai de três filhos.

O gosto pela leitura vem desde a juventude, mas somente aos 40 anos descobriu sua necessidade de escrever. Sua escrita não visa apenas satisfazer-se, mas surge de uma necessidade interior de colocar no papel os pensamentos que ocupam sua cabeça.

É autor do livro Um olhar para o passado.

Hoje, enquanto regava minha goiabeira, vi um minúsculo gafanhoto sobre as folhas mortas em meu quintal. Ele era da cor das folhas mortas. Vivo e saltitante, tinha como estratégia de defesa confundir-se com a folhagem morta no chão. Ao ver aquela cena, um sentimento de gratidão apoderou-se do meu coração.

Depois de ponderar mais um pouco sobre a beleza daquele momento, lembrei que o homem gasta bilhões de dólares para encontrar vida em outros planetas. Para achar vida em meu quintal, só precisei regar minha goiabeira. Apesar da infinidade de vida sobre esta Terra, no que se refere à vida humana, somente pular sobre a serrapilheira não é suficiente. Diferentemente do gafanhoto, o homem é exigente. Não basta viver, tem que viver bem e, se possível, tudo ao mesmo tempo. Talvez essa pressa decorra do nosso senso de finitude. Eu sei que terei um fim. Diante desse fato inevitável, o desejo de viver tudo vem acompanhado de certa angústia. É como se corrêssemos contra o tempo. Essa compreensão de estarmos caminhando inexoravelmente para o nada, gera um certo incômodo. Esse sentimento nos acompanhará até o final dos nossos dias.

Sinceramente, não acho que a vida tenha um lado bom ou lado mau. Não é tão simples assim. A vida não tem lados. Posso dividir em duas partes uma goiaba ou até mesmo separar em matérias meu caderno, mas quanto à vida; como dividi-la em lados. A vida no seu sentido mais natural é simplesmente o fenômeno mais raro de todo o Universo. A vida é teimosamente instigante para ter um lado bom e um lado mau. Podemos até em certos momentos nos sentirmos vazios e preencher nosso oco com qualquer coisa, mas a vida está lá. A vida não é o conteúdo, mas o recipiente. Cabe a nós preencher nossa vida com o que achamos interessante, mas o recipiente é a nossa vida.

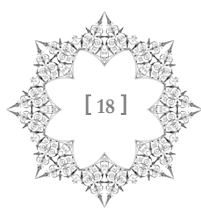
Agora, se quisermos dividir em lados a vida por uma questão puramente didática, sugiro a seguinte divisão: peguemos como exemplo uma criança dentro do útero materno. Esse assunto sempre me despertou curiosidade. Veja só, uma vida sendo gerada dentro de outra vida. Pergunto-me se o feto, com oito meses, reage a estímulos externos. Ele nem tem data de nascimento ainda, mas o mundo já o estimula de várias formas. É como se o mundo batesse à sua porta, desde já o incomodando, ou pelo menos, pedindo atenção para o que há de vir. Imagino o feto dentro da barriga quentinha da mãe. Lá, tudo é escuro, de certa forma barulhento, mas ao mesmo tempo pulsante. Tudo é vivo. Completados os nove meses, a criança chega ao mundo. Já chega chorando, talvez por

antever as bofetadas que a vida dará, sendo iniciadas pelas palmadas do médico para fazê-lo respirar. Chorando. Chegamos a este mundo chorando, mas imensamente vivos.

Esse foi o primeiro lado da minha proposta para separar a vida em lados.

Já do lado de fora da barriga da mãe, a criança cresce, alegra-se, chora, erra, aprende, se recolhe e, finalmente morre. Sim, todos nós vamos morrer. Evitamos pensar nesse lado da nossa história; esse silencioso lado que antecede a entrega do nosso corpo de volta à terra. Ali, daquele lado, a coisa é mais silenciosa e fria. Saímos desse mundo quietos e calados, mas imensamente mortos. Assim como a natureza nos colocou dentro do útero materno para nos proteger e gerar, o homem coloca o defunto dentro de um caixão, para guardá-lo e assegurar que ele apodreça em paz. No útero, o feto interage e se sente quentinho na barriga da mãe; no caixão, para o defunto, a temperatura já não importa mais. Depois que a tampa do caixão é fechada, só existem silêncio e escuridão.

Sobre o lado bom da vida? Se fosse para escolher um lado, eu escolheria o lado que fica entre o ventre e o caixão.





O lado bom
da vida



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

DOIS IRMÃOZINHOS
POR GEORGES JOSÉ MAIA KOTSIFAS

Escritor, natural de Passos, Minas Gerais, autor das obras: Dor e Lágrimas nos Sertões do Brasil; Murmúrios; Pavilhão dos Esquecidos e os próximos lançamentos: Esquerda Festiva e Crônicas de uma Guerra Insana.

Deviam de ter uns cinco ou seis anos. Baixinhos, mirrados, pele amarelada pela anemia, cabelos espetados pela sujeira, barrigas estufadas pelas lombrigas e pela desnutrição, olhinhos remelentos, narizinhos cheios de crosta, de onde escorria, num descer contínuo, um líquido esbranquiçado que às vezes lambiam com as linguinhas pontudas e outras vezes descia, teimoso e salgado, em filetes pelos rostinhos pequenos e sujos, encardidos pela terra e pela falta de cuidados. As perninhas eram curtas e finas, o que lhes dava um caminhar bamboleante e inseguro.

Tinham um rostinho infantil, minúsculo, com um sorriso tímido e doce, quase que permanente, de alegria, de contentamento e inocência.

Caminhavam devagar, até com uma certa dificuldade, arrastando os pezinhos descalços subindo e descendo pela rua empoeirada, sempre de mãozinhas dadas, sempre juntos, desconfiados, mesmo quando sorriam. Sempre cabisbaixos, pelo medo já enraizado na alma, fosse pela fome, pela miséria, pelo abandono. Fosse pela maldade alheia. A mãe fugira com outro, deixando-os com o pai. Este, simplório, vivia de bicos, mas, às vezes, não podia levar os dois com ele, então ficavam na rua, em frente à venda do Adriano, brincando, sentados, ensimesmados ou perambulando pelas redondezas em meio a violência, a pobreza e ao lixo permanente por aquelas vizinhanças.

Era mais seguro do que deixá-los sozinhos em casa.

Passávamos parte do tempo ocioso a observá-los em sua inocência e fragilidade, imaginando com um certo mal-estar e pena, de como será que enfrentariam a vida e o que esta lhes reservara, conforme avançasse o tempo e a luta pela sobrevivência caísse, impiedosa, sobre eles. Pensava em como com toda sua fragilidade, poderiam enfrentar o mundo desumano e perverso que girava em torno deles e onde seriam jogados. Em sua simplicidade não viam crimes e assassinatos, traições e maldades, rotineiros ao redor, como parte de seu dia a dia. Em sua inocência, criavam seu próprio mundo, tão pobre quanto eles, mas onde imaginavam outras vivências repletas de sonhos que talvez, nunca poderiam alcançar.

Terminariam como uma parte a mais daquela engrenagem desumana que esmaga, tritura e cospe os miseráveis em todas as partes do mundo.

O carinho e o cuidado de um para com o outro, emocionava, mais ainda naquele ambiente de carência e abandono em que vivíamos. Lembro-me de quando um deles foi golpeado por outra criança, tão pobre e miserável como todos nós. Um deles em lágrimas,

tentava empurrar o agressor e, num grito de desespero, com os bracinhos finos e marcados por cicatrizes de perebas e picadas de insetos, tentava e tentava desvencilhá-los, mas não conseguia, enquanto lágrimas desciam pelo rostinho miúdo, de cabelos duros e espetados. Corri e apartei-os. O outro saiu correndo e logo desapareceu, mas os dois irmãozinhos ficaram ali, aos prantos, um apoiando a cabecinha no ombro do outro, mãos dadas, apertadas com força num consolo mútuo. O Adriano lhes deu alguns doces. No rosto do menorzinho, um sinal vermelho, de tapa. Dei-lhes eu também, um pedaço de rapadura e uma tubaína, com isso, acalmaram-se, sentaram-se à beira da porta da venda acanhada e vazia e, ainda com os olhos úmidos e um que outro soluço, davam dentadas nos doces, olhando para mim e para o Adriano, até que engoliram as guloseimas. Na face, um olhar tímido de gratidão.

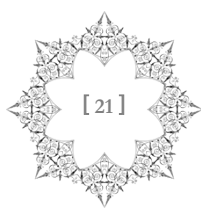
Pouco tempo depois, partiram. Não sei se para Rondônia ou para o Acre.

Sabia de muitos outros, que também partiram naquele então e nunca mais deram notícias. Nunca saberíamos se seguiriam juntos ou se a vida, dura e perversa jogaria cada um para um canto.

O pai ia à frente com um saco de pano branco, já encardido, onde levava seus pertences. Os dois, de mãozinhas dadas, seguiam atrás, mastigando um pedaço de pão e, às vezes, viravam e acenavam com as mãozinhas pequenas de unhas sujas de terra.

Nos olhinhos, inocência e esperança.

Nunca mais tivemos notícias deles.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

OLHARES

POR GEOVAN HENRIQUE CORRÊA

Geovan Henrique Corrêa é professor de francês desde 2013, com ampla experiência. Formado em Ciências Biológicas, possui mestrado, doutorado e pós-doutorado em Entomologia, área na qual também desenvolveu pesquisas com Joaninhas em museus e coleções científicas. Apaixonado por idiomas, viagens, leitura e escrita, escreve alguns contos, que ainda os mantém em segredo, porém, sonha um dia publicá-los.

Assustado, estava eu um dia pelas calçadas de uma cidade estranha com pessoas apressadas por todos os lados. Elas focavam os olhares em seus celulares, ou falavam e gesticulavam, penso que talvez estivessem estressadas. Nossos caminhos cruzavam-se, porém, não nossos olhares. Elas passavam por mim, quase me pisavam, sem nem mesmo ser notado.

Lutava, para que me vissem de alguma forma, que me ajudassem a superar o meu pequeno problema. Esperei, tentei lutar contra todos, mudei de lugar, mas nada adiantou.

De repente olhei, vi algo que me chamou a atenção. Do outro lado da rua, vinha ele com a cabeça baixa e lágrimas nos olhos, um rosto que parecia desconectado do mundo. Demonstrava através do olhar, certo desespero, mágoas, medos e pensamentos. E olha que pela expressão que tinha, deveria ter diversas questões a serem resolvidas em seu interior.

Ele atravessou a rua, subiu na calçada, passou por mim, caminhou dois passos e retornou, com um sorriso, me estendeu a mão. Sem nem pensar, rapidamente aceitei sua ajuda. Enquanto caminhávamos, ele me olhava. Algo acontecia...

De repente um vento forte veio e quase cai, novamente, ele carinhosamente me estendeu sua mão. Seguimos caminhando e ao chegar à outra calçada, à nossa frente, havia uma solitária árvore frondosa. Ele me levou junto da árvore, com sua ajuda, encostei-me ao tronco.

Em seu sorriso e olhar, havia algo de diferente, sabia que aquela era a primeira e última vez que nos veríamos, porém, ambos estávamos agradecidos, pois havíamos nos ajudado. Pessoas que passavam, olhavam para ele rindo, talvez pensando “o que ele estaria fazendo?”. Porém, ele não ligava, estava conectado àquela pequena, mas valiosa ação. Ele tinha um brilho nos olhos, sentia que algo naquele momento havia mudado, existia vida naquele simples momento.

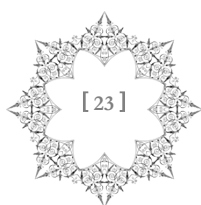
Juntei minhas mãos e com um movimento de cabeça, agradei. Cada um retomou sua vida, porém a partir daquele momento tudo seria diferente.

Então, com minhas pequenas pernas, escalei a árvore. Eu, um agradecido Louva-a-deus.

***Este texto é um ponto de vista de um fato vivido por mim.**

Curitiba, 14 de janeiro de 2018

Geovan Henrique Corrêa





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

UMA NOVA RAZÃO DE VIVER

POR HILTON DAKY

**Sou Jailton de Jesus Machado, nascido em 12 de outubro de 1952.
Natural de Macaé RJ.**

Sou artista plástico, com diversas mostras realizadas em minha região e, na cidade do Rio de Janeiro.

Paralelamente à minha arte, escrevo, já participei de alguns eventos literários, onde obtive o prêmio do melhor conto da minha cidade, além de menções por participação de atividades do gênero na cidade do Rio.

No intuito de retomar essa atividade prazerosa, em me expressar através da escrita, pretendo participar de novos concursos, fato que me trará grande satisfação.

Um homem, mesmo gozando de boa saúde, passava grande parte do seu tempo dizendo que a vida era uma luta diária; falava que, ao acordar, já se encontrava pronto para a guerra, cujo simples fato de levantar cedo e fazer o percurso para o trabalho, para ele, era um imenso sacrifício, ainda que durante o trajeto visse grandes filas de pessoas em busca de oportunidades, sem falar dos diversos hospitais que avistava, onde havia grupos de pessoas tentando resolver algum problema de saúde.

Ainda assim, aquele indivíduo se vitimava, achando que a vida seria um fardo a carregar, até que um dia o destino o colocou à prova: fora convocado pela empresa em que trabalhava para assistir a um evento esportivo. Embora contra a sua vontade, foi obrigado a comparecer; ao chegar, logo notou algo que para ele estaria fora dos padrões. Todos os participantes apresentavam algum tipo de deficiência física, e o que mais lhe deixava curioso é que, mesmo com todas as limitações, aquelas pessoas pareciam felizes e com grande entusiasmo para competir nas diversas modalidades daquele evento.

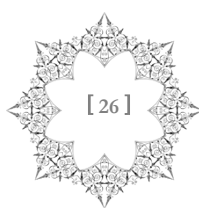
Intrigado com o que estava a ver, não hesitou em aproximar-se de um grupo e perguntou: de que maneira, com tantas dificuldades, eles dispunham de tanto entusiasmo para participar de provas de resistência daquela natureza?

Foi quando um dos participantes lhe perguntou se poderia mostrar-lhe na prática as razões pelas quais estavam ali. O homem aceitou o desafio e passou por diversos experimentos. Logo, alguém trouxe um pano e vendou os seus olhos, colocou uma flor próxima às suas narinas e perguntou-lhe o que sentia e ele respondeu que inalava um delicado perfume. Ainda com os olhos vendados, deu-lhe um petisco para degustar e, novamente, perguntou-lhe o que acabara de experimentar e ele respondeu que foi um dos melhores paladares que havia sentido. Seus olhos permaneciam vendados e o fizeram ouvir um som e lhe perguntaram o que achava e ele respondeu que ouvia uma bela canção.

Caía a tarde e o sol se punha no horizonte. Amarraram suas mãos e suas pernas, porém agora com os olhos desvendados, e perguntaram-lhe o que estava a ver e ele respondeu que via um belo pôr do sol. Em seguida, desamarraram suas pernas, mantendo suas mãos atadas, e sugeriram-lhe caminhar e perguntaram-lhe se tinha alguma dificuldade para andar; obviamente ele disse que não. Tornaram a amarrar-lhes as pernas, porém, com as mãos livres, vieram em sua direção com um afiado espeto e, sem poder se locomover, imediatamente ergueu as mãos para se defender.

Nesse momento, o sujeito que o fez passar por tantas provas afirmou que, mesmo sendo desprovido de alguma coisa na vida, ela é maravilhosa e, para com ele, fora ainda melhor, pois estava em perfeitas condições físicas e poderia aproveitar tudo que ela tinha a oferecer-lhe.

Dessa forma, o homem foi para casa refletindo sobre todos os experimentos e, no dia seguinte, ao levantar-se, sentiu a sensação de um imenso bem-estar; a partir daquele dia, passou a viver o lado bom da vida.





O lado bom
da vida

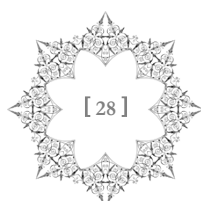


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SABER-SE
POR JOÃO GOMES ANDRÉ

Bancário aposentado, trabalhou em Manaus, Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde mora atualmente.

Ah! Você que vê o dia com novos olhos, todo dia;
Que ainda que não seja cego
Vê por trás das nuvens cinzas uma réstia de céu azul,
Que logo se cobrirá de novas nuvens,
Num ciclo que se sucede indefinidamente em indivíduos e espécies;
Você que sabe que é necessário que haja o cacto e a flor,
Para que faça sentido a alegria de viver;
Você que se encanta com a árvore e a floresta,
E sabe que cada uma delas é um ser a ser admirado e compreendido;
Você que é jardineiro de ervas daninhas,
Mas sabe que sem elas não existiriam jardineiros;
Você que compreende que os passos que já deu o trouxeram a este lugar
E está consciente de que é aqui que está seu coração,
Ah! Como eu invejo você.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

**UMA PEQUENA FAIXA DE
TRANSIÇÃO**
POR LÍLIAN

Lílian S.L. é graduanda em História pela UFC e uma poeta iniciante que, por conta da timidez, criou personagens para se expressar até se sentir pronta para usar seu próprio nome em seus textos.

Ela só não contava que esses personagens cresceriam a ponto de andar com as próprias pernas e a obrigariam a escrever por si só.

Hoje, juntos, eles tentam conviver em harmonia e postam suas produções em: foradojardimescritores.blogspot.com.

Meu bem parece ser incrustado com pedras preciosas:
Com dorso, sorriso e olhos permanentemente brilhantes.
Fato interessante, mistério desvelado, alma curiosa:
É uma mera pedra de âmbar que, com um pouco de atrito,
Faísca todo meu sistema, com sua doce risada preciosa.

Pegaram-me suspirando e me senti um criminoso pegado sem o disfarce.
Mas não consigo segurar o sorriso e o cântico baixinho quando lhe vejo,
E lembrei de quando acordei e olhei por você, quase como um milagre.
Não me pergunte, não sei dizer porque lhe agarrei como um travesseiro.
E só porque não sei descrever, não quer dizer que queria que terminasse.

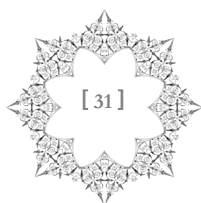
Por isso lamento ter boa memória e saber como a história vai se encerrar:
Rosas deixadas ao vento, traços de possível inveja numa brincadeira inocente.
Mas, antes do grande desfecho, vou deixar tudo sobre isso tentar me apoderar.
Uma faixa de transição entre a iluminura da beleza e a doce hospitalidade,
Talvez, por isso, gostamos de ficar apostando até quando algo pode durar.

Comecei a evitar falar e desejar que não chamassem o assunto, deixando normal.
Agora consigo segurar o sorriso bobo e não mais há cântico quando lhe vejo no meio,
Você começa a reclamar da minha opinião e a estranheza não lhe é mais tão natural.
Não me pergunte porque descartei obter a razão e lhe agarrei como meu travesseiro.
Não sei descrever o que senti, mas é algo que não queria que terminasse tão mal.

Porque eu sei como isso acaba, infelizmente, como isso sempre vai terminar:
Traição velada, desejos individuais inundando o mar enquanto nos afastamos.
Por isso, quando estiver assim, vou deixar tudo sobre isso tentar me apoderar.
Uma pequena faixa de transição entre o calor do Sol e as cinzas do carnal,
Então, talvez, valha alguma coisa ficar apostando até quando algo pode durar.

Então é justamente por isso que tentamos e acabamos não deixando de viver:
Todas as histórias têm alguma identificação, pois tudo é sem direção ou sentido.

Realmente importa se é você que tem uma risada preciosa ou só eu posso ver?
No fim, continuo deixando os grandes questionamentos de lado e lhe abraçando.
Isso me faz sentir a pequena faixa de transição que é o presente, com você.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A VIDA É SIMPLES

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

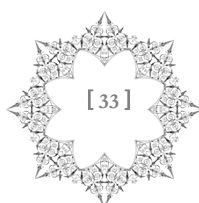
A vida é um presente lindo e precioso...
Um tesouro que lapidamos devagar
com sonhos e planos que nos guiam
no caminho que escolhemos trilhar.

Com leveza, o dia a dia sempre passa...
Sem motivos para reclamar ou chorar.
Temos razões para amar e agradecer,
pois a nossa vida é feita para celebrar.

Sinceros e objetivos devemos ser...
Sem esquecer o início desse caminhar.
A família é o alicerce, o porto seguro,
que ajuda a nossa vida prosperar.

Amigos são tesouros muito valiosos...
Peças fundamentais da nossa jornada.
Com eles, o bem sempre só multiplica
a felicidade de estar nessa caminhada.

O lado bom da vida é o que retorna...
Das atitudes e gestos que oferecemos.
Sinceridade e amor são os adornos
e alegria em união, sempre teremos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

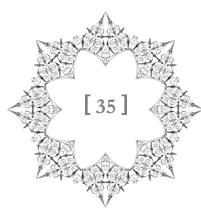
NEM ME APERCEBI
POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

De repente uma claridade...
da estrutura a definição
que se ergue em meio
ao nada... e desabrocha...
do botão vem a flor.

O desenrolar da narrativa
por alguém apontado.
Sem planos nem percepção,
a tomar sentido...
e em versos contado.

É assim... sem aparente
explicação... e razão...
Um pensamento... uma
palavra a levar a outra.
E o que tinha que ser
toma forma.
Não sei o porquê.



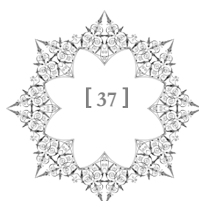


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

APRECIADA LEVEZA
POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Na morosidade da luz... o amanhecer.
Abruptamente nunca chega... mas apalpando...
acariciando... devagarzinho... docemente...
a acostumar a visão
que num arroubo de felicidade
se apraz... vivamente.
E numa sedosa maciez... à profusão
da radiância das cores que enfim
vão dissipando as vencidas trevas,
amanhece.
Da noite, as talhadas sombras
da genética de idos tempos... apaziguadas...
Os herdados medos e incertezas... repelidos.
Numa assertiva da esperada leveza...
num aparente ressurgimento,
o astro-rei impera... caloroso... luminoso...
benevolente.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

JOÃO, O BONZÃO

POR SÍLVIO SANTANA

Nasci em Vitória da Conquista, no dia 17 de julho de 1953, onde morei até os 6 anos, indo depois para Almenara, no vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Morei também, em Teófilo Otoni e Caratinga-MG. No Rio de Janeiro, morei 8 anos, onde me graduei em Engenharia Elétrica. Em Campo Grande-MS, moro desde 1987. Aqui me graduei em jornalismo e Artes Cênicas.

Interesso-me muito por poesia e tenho me dedicado ao estudo de Fernando Pessoa. Minha casa, aqui em Campo Grande, é conhecida como Casa Fernando Pessoa MS. Nela tenho realizado eventos culturais como saraus, lançamento de livros, apresentação de espetáculos de dança e teatro.

Todo dia, João, o bonzão, levantava da cama com a disposição de um galo alfa. Levantava cantando, feliz pelo novo dia. Dirigia-se para o banheiro já trovoando. Era sentar no vaso sanitário e sólidos e líquidos eram liberados sem nenhum esforço. Aliviava-se com prazer. O contrário acontecia com sua parceira, Jacira, que precisava de tempo e paciência para ver-se livre de seu lixo gastronômico.

João, o bonzão, aprendera em um vídeo publicado por um militar da marinha americana, que a primeira obrigação de uma pessoa ao se levantar de manhã era arrumar a cama. Só assim estaria pronto para as demais atividades do dia, afirmava o militar. João concordava plenamente com essa atitude e a incorporara à sua filosofia de vida. Mas isso só era possível quando o militar estava em missão, longe de casa, pois na tranquilidade do seu lar, sua mulher se levantava muito depois dele.

Corretor de imóveis que era, João sabia de cor o nome dos clientes que levaria a conhecer os imóveis que tinha para oferecer em cada dia. Com precisão de detalhes descrevia para eles cada peça das casas com uma alegria de quem fosse realmente comprar. Muito honesto, elogiava as qualidades do imóvel e sugeria o que fazer com os defeitos ora existentes. O cliente tinha que se sentir confiante na realização do negócio.

— Veja bem, senhor Gomes e senhora Marta, não se enganem, a primeira qualidade de um imóvel é a localização. E este aqui não está longe do centro e está perto de tudo que interessa a uma família: cinco minutos do supermercado e da farmácia; dez minutos da Universidade Federal; quinze minutos do Shopping. E... esta rua é um sossego só!

Com esses argumentos, João tinha como certo o fechamento da venda. Mas quem é corretor de imóveis sabe que o mais certo nem sempre está certo. Certo mesmo só quando o contrato de compra e venda é assinado e o valor depositado na conta do vendedor.

Nem sempre João, o Bonzão, voltava para a casa, à tardinha, com um sorriso de campeão no rosto. Tem sempre um sorriso para cada sentimento: de vencedor, de esperançoso, de vencido. O que ele não se permitia era perder a pose. Para ele todo dia é dia de lutar com o empenho de um vencedor. A vitória é um detalhe, na maioria das vezes, independente de sua atuação. Esta é sempre a de um vencedor.

João tem muita segurança em seu caminhar pela vida. É um esperançoso não desesperado: um tanto cético. Leitor de Camus, aprendera com o Mito de Sísifo, a tornar a

sua vida, ainda que dura, difícil e extenuante, prazerosa. Como afirmara Camus, é preciso tornar Sísifo feliz. É preciso encontrar prazer no rolar a pedra monte acima. E isso ele incorporara ao seu fazer diário.

Sua esposa, com o tempo, ia assimilando aqui e ali, o modo de ser do marido bonzão. Quando não dava para rolar a pedra com alegria ela descarregava no marido toda sua decepção.

— Nós já tínhamos acertado, estava mais que combinado, semana santa é sempre na casa da mamãe, bradava ela ao marido.

— Mas o cliente chegou sem avisar. É negócio grande. Eu vou deixar pros outros? Fui eu que captei esse imóvel.

E assim, com promessas de dias mais felizes, João achava que convencia a esposa a aceitar o sacrifício de mais uma frustração.

A vida de ninguém é perfeita, muito menos a do casal. Ambos compartilhavam as responsabilidades domésticas e o cuidar dos filhos: dois adolescentes.

— Adriana não desgruda do celular, não sei mais o que fazer para ela focar mais nos estudos. Daqui a dois anos tem vestibular e ela num quer nem pensar no que vai ser no futuro.

— Dizem que o futuro a Deus pertence, mas sei não, nem Deus tem mais certeza do futuro. Será que Deus não está se sentindo passado pra trás por essa tal de Inteligência Artificial?

— Tenho cá minhas dúvidas. Acho que suas criaturas o superaram. Eu há muito me sinto superada. Não dou conta de tanta novidade tecnológica.

— Na minha área também se fala muito em Inteligência Artificial. Tem colegas pedindo ajuda a essas IAs, eles querem que elas lhes ensinem a argumentar melhor. Eu não acredito nisso. Acho que o que vale mesmo é o olhos nos olhos, conhecer bem o ofício e se mostrar confiante diante do cliente.

Semana santa em casa, o inferno instalado. Mulher insatisfeita, filhos nem aí pra paçoca e João rolando a pedra com os clientes ricos de São Paulo.

— Mamãe, vamos ter aquela bacalhoadada da rainha? Perguntou o Ricardo, o caçula. Bacalhau mesmo está com o preço acima das nuvens. Vai ter, sim, mas é daqueles desfiados, tipo bacalhau. É a mesma coisa, o sabor é o mesmo.

— Que pobreza!

— Que pobreza? Por que não experimenta você comprar?

— Me dá o cartão que eu compro.

— Fácil, né, com o cartão dos pais. Tem cartão não.

Semana santa passa, pais em casa à noite no Netflix e filhos na rua com os amigos.

O que fazer? A vida é escolhas, mas escolhas possíveis.

João se envolvera bem nesse final de semana com os clientes paulistas.

— O negócio parece bem encaminhado. Vão levar a proposta para a diretoria e em breve retornarão com a aprovação.

— Ou reprovação.

— Impossível. Baixamos o máximo possível. Não vão achar nada igual.

— Como você mesmo vive dizendo, só se comemora negócio fechado, dinheiro na conta, diz Jacira, fazendo João recobrar seu ceticismo.

Três dias se passaram e João, o bonzão, agora era João, o aflitão. Os seus cinquenta e dois anos começaram a se mostrar evidentes apesar de Camus. Uma certa palpitação não avisada informava que sua saúde cardiológica não estava tão preparada para grandes decepções. O prazer de rolar pedras morro acima tinha seu limite. A expectativa de rolar uma pedra muito grande ao cume não estava se concretizando bem. A pedra poderia não chegar ao cume. Se isto não acontecesse João não estava preparado para a frustração.

Não deu outra. O negócio de sua vida, sua maior venda não se concretizou e, pior, a concorrência silenciosa o venceu.

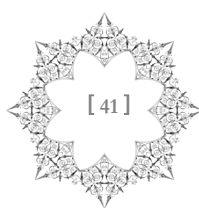
João quase bateu as botas. No leito do hospital mulher e filhos o consolam.

— Pai, a vida é assim. O senhor sempre diz pra gente que a vida é feita de sucessos e fracassos. Que os fracassos são oportunidades de aperfeiçoamento.

— Às vezes a gente esquece essas bobagens e se ilude em sonhos maravilhosos, aí a queda é difícil de suportar, disse ele.

— Querido, diz a esposa, viver é isso. Viver é sofrer.

— Não querida, viver é aprender a viver.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

OLHE PARA OS LADOS

POR SOPHIA ODARA

Assisense, hoje: escritora, autora, mãe e esposa. Desde seus primeiros escritos, falas, cenas e cantos em público viu-se na palavra e na arte, nelas estava bem. Percebeu logo. Jornalista formou-se, mas, ainda não era isso. Partiu para o Rio de Janeiro. Teatro e cinema estudou, mas, não era só isso. Voltou. Docente livre e feliz tornou-se, mas tentaram prendê-la. Libertou-se. Na academia entrou e saiu. Acadêmico demais. Escritora e autora, pareceu-lhe melhor. Ama contemplar a natureza e estar com sua família. Observadora do ser caminhante.

Até onde vivi e ao que me parece... o lado bom da vida está ao lado do mau. O tal “jogo do contente” que a protagonista Pollyana, de mesmo nome da obra de Eleanor H. Porter, pode ser mais realista que se pense, a proposta aparentemente ingênua da menina (e depois, moça) carrega uma verdade contumaz.

Pensei por muitos anos em pôr esse nome na minha filha, caso tivesse, mas veio um menino e pus nome de Santo. Na época jogava feito a Polly. Anos passaram e vi que o problema não é bem o jogo, mas, a rapidez com que se joga. Para movermos peças vivas há que se ter, no mínimo, cautela. Viver o sofrimento fugidio é um “contentamento descontente”, o poeta Camões assim classificava o amor, que não existe nem se sustenta sem suas forças contrárias a serem vividas. Se assim não o fosse, a verdade não estaria nele.

Quando somos convidados diariamente e com certa insistência a acelerar, também descompassamos, tristezas que precisariam ser sentidas são afastadas de nós com frieza, como quem cuida para não cair água no que pode enferrujar. Deixe que egoísmo se aposses. Afinal, para que sofrer? Empatia? Perda de tempo. A engrenagem permanece em ritmo acelerado, sem pane por fraquezas humanas. E o que sobra são “ferrugens nos sorrisos”, como antevia Renato Russo. A tristeza arrastada, abafada e aprisionada manifesta-se na alegria imposta, atrai e vende mais. Tristeza afasta, deixa mais devagar.

O lado bom da vida é realmente, do lado. Mas, o primeiro passo para vivê-lo é atentar-se ao dito “lado mau”, ele é caminho. Anda-se bem com ele o tempo que precisar e se ainda estiver a procurar o “lado bom”: olhe para o lado. Mau e bom caminham lado a lado, alternam-se, dançam valsa e rodopiam juntos, separá-los seria de todo mau.

Afinal, há que se ter essa divisão? Confiamos tanto em nossas apressadas percepções... e se teu mau vier de bom? Perdeste? Sim, perdeu. A sua pretenciosa mania de rotular te afastou do que queria e do que era para ti. Para começar, sabes quem és e do que precisa nesse momento? Não pode responder? Responda no seu tempo. Mas, atenção, no tempo em que realmente, destinares a ser seu, não a qualquer tempo ou no ínterim, entre um tempo e outro ou ainda, para passar o tempo.

Quem está passando sem que percebas? O bom ou o mau? Ambos... e isso é mau. Vê-los caminhando seria bom. É um vai e vem cíclico e orgânico que exige atenção e inteligência humana para captar.

Talvez, devêssemos começar a olhar com mais cuidado ao que parece mau e nesse sentido, o “jogo do contente” pode ser um recurso. Mas, tenha a calma dos bons jogadores de xadrez.

Na verdade, não raro, o mau, bom nos parece. E aí segue outra questão: será que vivemos como mau o que, a frente, será considerado por nós mesmos bom? E o inverso?

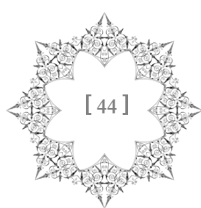
Portanto, viver o “lado bom da vida” não é tão simples. Aliás, se desconsiderarmos as complexidades da vida e do ser que se vive, corremos o risco de acabarmos em remorsos. Muitos abalos emocionais são decorrentes dessa confusão.

Enxergar com nitidez o que nos vem seria excelente. Que lado seria o bom lado? Se o identificarmos, poderemos rejeitar o lado que não foi visto como bom e isso não seria prudente, posto que há uma interdependência entre eles e uma linha tênue que, por vezes, some, unificando-os.

A vida oscila até para quem prefere caminhos mais lineares. O bom reservou um lugar para si? Isso parece mais um “bom” contemporâneo.

Por que em situações limítrofes da vida esse discernimento fica mais claro? Quando meu avô faleceu me pus a lembrar de seus fortes abraços, de mim penteando alguns fios sobreviventes de sua careca com o pente que carregava no bolso e dele levantando de sua poltrona para buscar as balinhas de hortelã que reservava para seus netos quando eu chegava. Vinte anos depois, minha avó faleceu com o diagnóstico de Alzheimer, na ocasião lembrei-me de nosso último Natal juntas. Foi na clínica onde estava internada, já não andava mais, pus ela no meu colo e fiz um pratinho de guloseimas que amava, enquanto dava na sua boca, olhava para mim e sorria.

Parei de escrever para atender um chamado insistente do meu filho. Às vezes, a vida te dá claras pistas quanto ao lado que está vivendo. Bateu palmas e andou em minha direção pela primeira vez, terminou caindo nos meus braços com um abraço e gargalhou! Incrível! A percepção dele de que isso me deixaria muito feliz impressiona! Tudo para que eu parasse um pouco com ele. Num mundo cheio de distrações para longe de ti há que se atentar para o que seja genuinamente, “bom”. Nem sempre, terá alguém que saiba para te alertar. Na maioria das vezes, caberá tão somente a você. Agora, devo parar e continuar com meu filho.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI